

## DE VESTÍGIOS DA EVOLUÇÃO A PERTURBAÇÕES PULSIONAIS:

uma revisão das teorias das emoções propostas na virada dos séculos XIX e XX

*Diego Candido Abreu*

### Resumo

O objetivo central deste artigo é propor um breve panorama das teorias das emoções cunhadas durante a virada dos séculos XIX e XX. O período em questão emerge como a alvorada das ciências psicológicas, marcando um momento importante de transição na compreensão dominante acerca da centralidade da subjetividade e individualidade humana. Por ser um intervalo temporal longo, o presente trabalho enfoca os modelos teóricos propostos por quatro cientistas expoentes do período: 1) Darwin 2) Wundt, 3) James; e 4) Freud. Os esquemas de inteligibilidade cunhados pelos pensadores são devassados com o fito de explicitar o conjunto de ideias, premissas e inclinações que os sustentam, extraindo-se de tal esforço interpretativo um quadro teórico representativo do pensamento dominante no ocidente acerca dos fenômenos psicológicos no que diz respeito ao período em tela. Além da revisão acerca das ideias que fundam e configuram as concepções teóricas mencionadas, promove-se uma discussão a respeito dos pontos de contato e afastamento entre as mesmas. As teorias revisadas revelam um distanciamento paulatino em relação aos modelos teóricos mentalistas propostos pelos idealistas alemães e do racionalismo cartesiano, inaugurando uma linha de pensamento que marca os pródromos da visão acerca das emoções a ganhar hegemonia ao longo do século XX.

**Palavras-chave:** Teoria das emoções; James; Wundt; Darwin; Freud.

## FROM EVOLUTION VESTIGES TO PULSIONAL PERTURBATIONS:

a review from the emotions theories coined in the turn of the Nineteenth Century  
to the Twentieth Century

### Abstract

The main objective of this work is to compose a short review of the theories of emotions coined during the transition between the Nineteenth and Twentieth centuries. The referred period emerges as the Dawn of the Psychology, marking an important moment in the transition of the dominant comprehension regarding the centrality of subjectivity and individuality. Due to the historical length of the period, this writing focuses on the theoretical schemes proposed by four different thinkers: 1) Darwin; 2) Wundt; 3) James; and 4) Freud. The reviewed theoretical models reveal a gradual distancing from the mentalist theoretical models, proposed by the German Idealists and the Cartesian rationalism, founding a line of thought that marks the beginning of the view of emotions that gained hegemony during the Twentieth Century.

**Keywords:** Emotion theory; James; Wundt; Darwin; freud.

## DE LAS HUELLAS DE LA EVOLUCIÓN HACIA LOS TRANSTORNOS PULSIONALES:

una revisión de las teorías de las emociones propuestas en la transición del siglo  
XIX hacia lo siglo XX

### Resumen

El objetivo principal de este artículo es proponer una breve descripción de las teorías de las emociones acuñadas durante el cambio de siglo XIX y XX. El período en cuestión surge como el amanecer de las ciencias psicológicas, marcando un momento importante de transición en la

comprensión dominante de la centralidad de la subjetividad y la individualidad humanas. Como se trata de un intervalo de tiempo largo, el presente trabajo se centra en los modelos teóricos propuestos por cuatro científicos destacados del período: 1) Darwin 2) Wundt, 3) James; y 4) Freud. Los esquemas de inteligibilidad acuñados por los pensadores se exploran con el objetivo de explicar el conjunto de ideas, supuestos e inclinaciones que los sustentan, extrayendo de tal esfuerzo interpretativo un marco teórico representativo del pensamiento dominante en Occidente sobre los fenómenos psicológicos en relación con la período en la pantalla. Además de la revisión de las ideas que encontraron y configuran los conceptos teóricos antes mencionados, se promueve una discusión sobre los puntos de contacto y distancia entre ellos. Las teorías revisadas revelan un alejamiento paulatino de los modelos teóricos mentalistas propuestos por los idealistas alemanes y el racionalismo cartesiano, inaugurando una línea de pensamiento que marca los pródromos de la visión de las emociones que ganó hegemonía a lo largo del siglo XX.

**Palabras clave:** Teoría de las emociones; James; Wundt; Darwin; Freud.

## INTRODUÇÃO

Na trilha histórica do pensamento ocidental, poucos assuntos têm gerado tamanho interesse quanto as emoções, em sua teia de relações e implicações na vida humana. A quantidade numerosa de termos empregados em referência a esse fenômeno (paixão, afeto, sentimento, humor, emoção, *pathos*, sentir<sup>1</sup>) evidencia a atenção a ele devotada por intelectuais das mais distintas cepas.

O mundo contemporâneo, dominado pela mundividência pós-moderna, se insurge contra o racionalismo e o objetivismo que estabeleceram as bases da nossa sociedade, buscando de modo militante vias de superação da herança da Modernidade. Uma das estradas trilhadas nesse esforço revolucionário é a tentativa de reconciliar o pensamento contemporâneo com as nossas emoções. Tratadas como sombras de instinto em nosso comportamento pelo cânone moderno, os afetos encontram uma forte revalorização no ideário hodierno. A esse movimento de reencontro teórico com os afetos, Pavlenko (2013) dá o nome de Virada Afetiva. Esse interesse que reemerge em torno das nossas emoções possui duas vertentes centrais. A primeira delas reside em um esforço de composição de novas teorias, que revitalizem a afetividade. A segunda, de caráter complementar, repousa sobre uma escavação das visões de outrora acerca das emoções, com o fito de reescrever a história das ideias sobre esse fenômeno.

Com base nas ideias e reflexões trazidas no parágrafo anterior, o presente artigo tem em seu horizonte um objetivo central: apresentar um panorama de revisão das teorias das emoções elaboradas durante a transição dos séculos XIX e XX, período de constituição das ciências psicológicas em sua roupagem contemporânea. A decisão de restringir a revisão aqui pretendida a esse período considera a centralidade do campo da psicologia no estudo das emoções, sendo, portanto, fundamental entender de que forma essa esfinge ganhou inteligibilidade no momento de alvorada desta ciência.

Além da presente introdução, este artigo dispõe de mais cinco seções. Nas quatro seções seguintes, exprimo de forma concisa as teorias das emoções construídas, respectivamente, por Darwin, Wundt, James e Freud. Em seguida, teço algumas considerações finais, resumizando a discussão apresentada ao longo deste estudo.

---

<sup>1</sup> Na presente pesquisa, utilizo tais termos de forma intercambiável. Para uma explicação minuciosa de tal decisão, ver Abreu (2018).

## OS AFETOS COMO RESQUÍCIOS EVOLUTIVOS: A VISÃO DARWINISTA DAS EMOÇÕES

A reflexão darwiniana sobre o tema dos afetos se concentra em sua obra *A expressão das emoções no homem e nos animais* (1872), tendo como seu mote central erigir uma posição opositiva ao criacionismo no que tange à relação do corpo e à expressão das emoções. Para Darwin, as emoções possuem um caráter evolutivo, atuando como um mecanismo adaptativo de sobrevivência do indivíduo a determinados tipos de interação com o meio. Como um traço fenotípico de natureza hereditária, podemos traçar um paralelo no que tange à expressão das emoções entre a sua configuração atual e suas manifestações menos evoluídas nos animais ou nos nossos ancestrais da espécie (HESS; THIBAUT, 2009).

Apesar de oferecer um paradigma de cientificidade ao estudo das emoções, para Darwin, as emoções possuem um estatuto inferior em relação a outras faculdades desenvolvidas evolutivamente, como a cognição. Segundo a visão do autor, a expressão das emoções nos seres humanos se aproxima de suas análogas nos animais, de tal forma que o medo demonstrado por um cão diante de um som ruidoso se assemelha ao medo de um indivíduo dentro de uma floresta escura (RICHARDS, 2003). Da mesma maneira, as emoções, possivelmente desenvolvidas como mecanismo funcional de adaptação a algum contexto específico por nossos antepassados, tiveram sua funcionalidade tornada obsoleta. Sendo assim, no momento em que as condições ambientais que patrocinaram o desenvolvimento das emoções deixaram de existir, estas entraram em processo de caducidade, o que implicaria em sua ineficiência contemporânea.

Acerca da expressão das emoções, Darwin (1872) erige três princípios que almejam explicar a razão pela qual as emoções possuem o modelo específico de expressividade que nos é conhecido. Os três princípios desenvolvidos pelo autor são: princípio dos hábitos aproveitáveis, princípio da antítese e o princípio da ação direta do sistema nervoso excitado sobre o corpo. Acerca do primeiro princípio, Darwin discutiu a funcionalidade das emoções em sua expressividade atual. Apesar de certos traços funcionais ainda poderem ser observados, como a prontidão para a fuga gerada pelo medo, o autor focou sua reflexão no argumento da negação da hipótese evolutiva perante a perda de funcionalidade de determinadas manifestações afetivas. Segundo esse argumento, caso as emoções fossem perfeitamente funcionais, seria plausível argumentar o caráter criacionista da sua existência. No entanto, a percepção de seu caráter disfuncional evidencia sua gênese evolutiva e hereditária. No que se refere ao segundo princípio, Hess e Thibault (2009, p. 121) afirmam que “algumas expressões se apresentam de determinado modo simplesmente porque elas são o oposto de uma expressão aproveitável.” Dessa forma, determinadas expressões teriam a razão de ser de sua forma na construção do organismo de um determinado traço fenotípico desejado, como, por exemplo, parecer maior do que realmente se é. Finalmente, o terceiro princípio preconiza que a forma de determinadas expressões emotivas obedece a uma necessidade do organismo de extravasar excessos energéticos residentes no corpo. Nesse sentido, a expressão de certas emoções funcionaria como uma válvula de escape em que resíduos energéticos de determinadas interações e reações corporais seriam devolvidas ao ambiente em forma de comportamento emotivo.

Apesar da secundariedade do tratamento dado por Darwin às emoções em sua obra, o seu trabalho desenvolvido na *Expressão das emoções* (1872) possui a virtude de representar o marco fundacional de um estudo científico acerca do tema. Da mesma forma, a visão de Darwin mostrou-se influente em estudos futuros, tendo inspirado a corrente neodarwinista,

cuja matriz teórica possui algumas obras expoentes na investigação sobre as emoções, como o trabalho desenvolvido por Ekman (2003) acerca da universalidade da expressão das emoções em diferentes sociedades.

Adiante, olhamos para o pensamento acerca das emoções do segundo autor contemplado por esta revisão: Wundt.

## **O INVÓLUCRO DA CONSCIÊNCIA: A TEORIA DAS EMOÇÕES DE WUNDT**

Assim como Darwin na ciência da biologia, a obra de Wundt pode ser considerada como pioneira na área da psicologia, tanto no aspecto de suas ideias – tendo publicado o primeiro manual em psicologia experimental na década de 1870 - quanto em sua prática clínica, com a inauguração do primeiro laboratório de psicologia (BLUMENTHAL, 1975, p. 1080). No entanto, ao contrário do pensador inglês, grande parte da herança wundtiana ganha espaço na reflexão contemporânea, não pelo seu valor teórico, mas apenas como documento histórico. Esse fato se deve à grande efervescência intelectual no núcleo da disciplina emergente da psicologia, que, apesar de em grande parte ter tido a obra de Wundt como influência inicial, buscou distanciar-se de seus preceitos mais básicos devido a uma suposta ausência de rigor e incoerência. A psicologia de Wundt foi concebida no seio do ressurgimento do idealismo alemão (neo-idealismo) após algumas décadas de hegemonia positivista.

A esfinge fundamental da psicologia wundtiana é a experiência imediata. Para o autor, um dos objetivos centrais da psicologia reside no desenvolvimento de métodos de objetivação da experiência, ou seja, reconstrução e averiguação da experiência subjetiva a partir de métodos e procedimentos padronizados (BLUMENTHAL, 1975). Outro ponto importante no edifício teórico do psicólogo alemão é sua recorrente crítica à dicotomia corpo / mente. Dessa forma, seria absurdo pensar na psicologia como uma ciência que se debruçasse apenas sobre a mente do indivíduo, separando-a do corpo como um biólogo separa uma célula da outra. Nesse aspecto, a distinção proposta pelo psicólogo ancora-se em uma premissa fulcral na teoria de Wundt: um ato volicional, matéria-prima de toda a atividade psicológica, em sua relação com suas motivações materiais ou psíquicas não pode ser explicado a partir dos mesmos preceitos e mecanismos utilizados para lançar luz sobre os fenômenos da física e da fisiologia (BLUMENTHAL, 1975). Essa reflexão preconiza a mudança do paradigma de causalidade entre as leis das ciências naturais e os eventos psicológicos. Enquanto estes estão inerentemente vinculados a um sujeito agente, cuja miríade de possibilidade de ação rompe, inclusive, com sua própria consciência dessa potência; a dinâmica da ciência natural possui um ordenamento que, uma vez apreendido, pode ser mapeado e previsto a priori. Portanto, na concepção wundtiana, a psicologia deve se debruçar sobre a dinâmica motivacional, intencional e interacional da ação humana no mundo, construindo métodos particulares e não-deterministas de análise dessas questões.

Os aspectos afetivos possuem grande importância na teoria de Wundt. Para o autor, a emoção representa um dos elementos constituintes da volição e, assim sendo, impinge decisivamente nossas ações e decisões, assim como modula nossas experiências. Nesse sentido, Wundt concebe os afetos como uma aura que envolve a periferia da consciência, sempre presente em nossas distintas atividades, porém nunca ocupando uma posição focal. Em outras palavras, as emoções estão articuladas com os motivos, objetos e memórias que

ocupam atraem o cerne da nossa atenção e ocupam nossa consciência, no entanto, atuando como coadjuvantes em nossa volição. Dada essa configuração metamorfoseada e infinitamente modulante das emoções, Wundt considera ineficientes as tentativas de catalogação taxonômica dos diferentes tipos de emoção. Melhores resultados lograria uma abordagem que objetivasse compreender a dinâmica dimensional (se referindo à relação das emoções com os objetos a que estão relacionadas) e de polaridade (acerca das mudanças e transições entre distintos estados emocionais) dos afetos (BLUMENTHAL, 2001).

Wundt usa de forma semi-intercambiável os termos emoção, humor (*mood*) e sentimento, concebendo apenas algumas gradações de intensidade e duração entre eles. As emoções possuem um caráter de imediaticidade; quando esta reação momentânea se articula a um objeto ou ideia de forma mais consistente, a emoção se torna um sentimento. Por fim, quando o sentimento atinge o ponto de elemento integrante da vida do indivíduo por um período de tempo estendido, este se converte em um humor. A teoria das emoções de Wundt se ancora no modelo tridimensional que preconiza três qualidades centrais de caráter bipolar para as emoções. A primeira dimensão vislumbrada por Wundt refere-se à relação prazer / desprazer; a segunda dimensão abrange a intensidade de excitação da psique individual, sendo, por vezes, denominada dimensão de atividade / passividade; e, por fim, a terceira dimensão concerne o nível de atenção demandada a uma dada situação ou objeto, envolvendo os polos concentrado / relaxado (BLUMENTHAL, 2001). Essas categorias polarizadas são utilizadas por Wundt em seu estudo das emoções a partir de uma perspectiva estética, tendo como objeto central o papel das emoções na constituição da experiência do indivíduo. Dessa forma, a reflexão de Wundt sobre o tema almejou traçar as marcas emocionais que envolvem os processos psicológicos como a memória, a cognição, a atenção e a sensibilidade.

Além da influência do modelo tridimensional wundtiano, tomado como base por outros autores (SCHLOSBERG; 1941; BALES & COHEN; 1979), a obra de Wundt possui a virtude e o mérito de criticar incisivamente a dicotomia entre mente e corpo, mesmo sendo um dos primeiros labores sistematizados psicologicamente nesse sentido – crítica essa, infelizmente, esquecida por outras correntes da psicologia posteriores. Outro ponto a destacar no pensamento wundtiano é sua atenção devotada aos aspectos da experiência como elementos basilares da dinâmica da psique humana, em especial, seu esforço em evidenciar a relação de polimerização existencial de todos os componentes psicológicos que participam de nossa ação no mundo com as emoções que os envolvem.

Na seção seguinte, nos debruçaremos sobre a perspectiva de um autor, cuja obra, apesar de seguir um caminho diferente do pensamento de Wundt, goza de relevância similar: a teoria visceral de James.

## **CORPO, OBJETO E PERCEPÇÃO: A TEORIA JAMESIANA DAS EMOÇÕES**

Wundt desenvolveu o primeiro laboratório de psicologia experimental na Europa; William James repetiu a façanha do seu colega alemão, porém, em outro continente: em solo estadunidense. Considerada uma das obras fundacionais da investigação sobre as emoções na ciência moderna, o texto “*What is an emotion?*” (1884) erige as bases das principais teorias que comporão alguns anos adiante a grande obra de James *Principles of Psychology* (1950[1890]). Apesar da relevância histórica do texto pioneiro de James, conforme argumenta Barbalet (2001), suas ideias ali apresentadas sofreram severas críticas, sendo, até a contemporaneidade,

objeto de ceticismo e aversão. Tendo desenvolvido contato com a reflexão de Darwin sobre as emoções, James rejeitou a ideia da redução da dinâmica expressiva das emoções a apenas um produto da evolução. Para o autor, muitas das manifestações emotivas humanas possuem uma gênese idiopática e, por vezes, contraditória, sendo esculpida no contato material com o estímulo. Por outro lado, James considerou vivamente a relação de imbricação estabelecida por Darwin entre a expressão das emoções e as reações instintivas. (PALENCIK, 2007).

Tão célebre e polêmica quanto a obra de James (1884) é a definição de emoção apresentada pelo autor. Para o psicólogo estadunidense, existe uma linha de causalidade entre o contato do indivíduo com o mundo, as sensações corporais resultantes desse encontro e, por fim, a percepção mental dessas reações. Nesse sentido, “as mudanças corporais seguem diretamente a percepção de um fato excitante” e, por conseguinte, “nosso sentimento acerca dessas mudanças enquanto elas ocorrem é a emoção” (JAMES, 1881, p. 1065). A interpretação dessa definição é objeto de embates calorosos, até nossos dias moldando as bases da teoria visceral. No entanto, inegavelmente, nesse trecho, James iguala a sensação das alterações fisiológicas perante um determinado encontro com o mundo ao fenômeno das emoções. Um aspecto importante da reflexão jamesiana reside no fato de o autor distanciar a consciência volitiva do domínio dos desdobramentos expressivos de uma reação emotiva. Nesse sentido, mesmo que um indivíduo almeje simular artificialmente uma emoção no seu aspecto expressivo-comportamental, tamanha é a sutileza de detalhes e a complexidade de movimentos involuntários levados a cabo em um instante de manifestação emocional que essa empreitada haverá de tornar-se irrealizável.

Antes de apresentar algumas críticas e refutações à teoria das emoções james-langiana<sup>2</sup>, cabe aqui situar historicamente o cenário teórico que motivou a edificação da concepção apresentada acima. A visão de James se opõe ao associacionismo da teoria “*mind-stuff*” que “postula que as propriedades superiores da mente (...) são compostos de elementos mentais que não manifestam em si mesmos essas propriedades” (ARAKI et al, 2009, p. 12). A partir desse antagonismo, podemos observar que James busca distanciar-se do exoterismo descorporificado da perspectiva mentalista presente na teoria *mind-stuff*, aproximando sua concepção de emoção de elementos materiais passíveis de assimilação empírica, como o corpo e a percepção.

Apesar das virtudes da teoria visceral em comparação com suas antecessoras, uma corrente avassaladora de críticas e descrença perante essa visão surgiu a partir de diferentes vozes, após um entusiasmo inicial. Um dos problemas apresentados reside na inegável semelhança entre estados corporais relativos a diferentes fenômenos emocionais. Assim, emoções como a raiva e a alegria podem estar relacionadas a reações fisiológicas muito similares – como transpiração, aumento da pressão sanguínea, dilatação das pupilas, dentre outras – sem que ninguém ouse dizer que representam estados emocionais idênticos. Outro problema que aflige a teoria james-langiana é sua dificuldade em explicar estados emocionais prolongados e complexos como o amor matrimonial ou o rancor. Nesses casos, as alterações corporais são de importância periférica para a categorização dessas emoções, carecendo, portanto, a teoria visceral de força explicativa para dar conta desses fenômenos. Porém, o golpe mais doloroso à teoria das emoções de James foi desferido pelos estudos realizados por Cannon (1927). Em seus experimentos com animais, o cientista observou que as

---

<sup>2</sup> A teoria de James ganhou essa denominação devido à sua semelhança em relação à teoria do psicólogo dinamarquês Carl Lange, cujo desenvolvimento se dá praticamente de forma simultânea à exposição de James.

respostas emocionais nesses animais persistiam mesmo quando o córtex cerebral – responsável pela percepção das alterações corporais – era removido.

Mesmo evidenciadas as incoerências da concepção jamesiana de emoção, sua teoria possui a virtude de corporificar esse fenômeno que, ao longo da história ocidental, foi diversas vezes representado como um elemento pertencente a outra dimensão – um espaço não-material. Outro ponto positivo da teoria visceral é o seu aspecto integrativo entre o corpo e a mente, entendidos não como habitantes de esferas ontológicas distintas, mas como mecanismos interagentes na constituição dos processos psicológicos. Na esteira desse olhar, podemos dizer que a perspectiva teórica da psicanálise desenvolvida por Freud segue um rumo contrário ao do pensamento jamesiano. Dedico a próxima seção à apresentação dessa visão.

## **DE PERTURBAÇÕES DA MENTE A MOVIMENTOS PULSIONAIS: PSICANÁLISE E EMOÇÃO**

Freud nasceu em 1856 nos limites territoriais do Império Austríaco. Desenvolvendo grande parte dos seus estudos em Viena, Freud, no entanto, viveu dois encontros que marcaram sua produção intelectual inicial fora de sua terra: o período de especialização ao lado do médico francês Charcot – que ofereceu a Freud acesso a diversos casos clínicos de histeria e exemplos de utilização do método hipnótico – e a cooperação com Breuer – que lhe permitiu associar o tratamento através da hipnose ao método catártico (MARQUES, 2012, p. 16). Acerca desse último encontro, foi a partir de uma inovação introduzida ao método catártico que a psicanálise conheceu sua gênese. Conforme aponta Marques (2012), a obra *A interpretação dos sonhos* (1996[1900]) não marca o início da psicanálise, mas sim representa a construção dessa teoria como um edifício teórico independente.

Os componentes afetivos estão presentes na reflexão freudiana desde o seu prólogo, estando entrelaçados e profundamente ligados ao núcleo da própria teoria e prática psicanalítica. Dado o caráter mutante e as sucessivas rupturas dentro do pensamento de Freud, alguns comentadores tendem a concordar em propor um modelo de periodização da reflexão freudiana em quatro momentos distintos – cronologicamente, essas fases são denominadas: a primeira tópica, a segunda tópica, as teorias da angústia e, por fim, as teorias pulsionais (MARQUES, 2012). As primeiras reflexões de Freud acerca dos afetos remetem ao período pré-psicanalítico, sendo marcadas por uma perspectiva qualitativa e uma articulação dos elementos afetivos às diversas patologias e psicoses estudadas pelo autor. Por exemplo, em seu texto *O projeto para uma psicologia científica* (1996[1895]), Freud adota um olhar mais inclinado ao paradigma positivista, evidenciado em seu afã de oferecer uma visão naturalista e esboçada em parâmetros quantificavelmente determinados. Nesse momento da obra freudiana, os afetos são entendidos como um elemento pernicioso na dinâmica neuronal, configurando-se como um fator catalisador de excitação na mente. Dessa forma, a emoção é entendida como uma perturbação ao equilíbrio neuronal inerente a um aparelho psíquico sadio (MARQUES, 2012, p. 31).

Apesar da importância das primeiras fases do pensamento freudiano, inegavelmente, o seu estudo sobre onírico apresentado em *A interpretação dos sonhos* (1996[1900]) representa um momento ímpar na produção teórica do autor. A partir dessa obra, Freud abandona a terminologia anatômico-neuronal e passa a constituir o aparelho psíquico de maneira

sistêmica e conflituosa. No que tange ao afeto dentro da dinâmica psicológica do fenômeno onírico, o autor preconiza uma visão metamorfozeante das emoções ao longo do processo de elaboração dos sonhos, ensejando um distanciamento dos componentes afetivos em relação às representações ideacionais – afastamento esse que se deve ao mecanismo censurador nos sonhos. Acerca dessa natureza mutante dos afetos, Green (1982) defende que a miríade de configurações transformativas dos afetos no ambiente onírico preconiza um conjunto de diferentes movimentos. Tais movimentos englobam os seguintes processos: supressão (o afeto não aparece no sonho), deslocamento (o afeto é afastado da ideia a ela relacionada), reforço (intensificação do afeto), inversão (o afeto é transformado em uma instância contrária à sua manifestação originária) e subtração (o afeto é destituído de certos atributos ideacionais). Não obstante o fato de Freud relegar a uma posição periférica os afetos em seu estudo sobre os sonhos, alguns comentadores da obra do autor articulam a atividade interpretativa dos elementos oníricos ao seu significado emocional (apesar de Freud omitir sistematicamente o termo “emocional”). Essa constatação alça o papel dos afetos em sua investigação a um outro patamar, removendo-os da posição de lateralidade de um mero elemento desencadeador para um processo central em nossa vida onírica (MARQUES, 2012).

A visão desenvolvida por Freud após a sua obra sobre os sonhos se inclina em direção à investigação do papel da dimensão pulsional da mente humana, abarcando nessa reflexão a relação dessa dimensão com os processos afetivos. Na obra *Instinto e suas vicissitudes* (1996[1915]), os afetos são construídos no edifício teórico de Freud de forma instrumentalizada, sendo subsidiados pelo seu papel de representação ideacional das pulsões no aparelho psíquico (MARQUES, 2012). Esse arranjo teórico dos afetos se sustenta em um entendimento econômico das emoções na trama psicológica dos movimentos energéticos. Outro ponto desenvolvido por Freud em seus escritos pós-oníricos reside na relação dos afetos com a sua representação ideacional e a dinâmica do inconsciente. Nesse aspecto, o autor se distancia da posição defendida na Interpretação – que preconizava a possibilidade de ruptura ontológica entre os afetos e sua representação –, construindo uma relação de interdependência entre os afetos e as ideias a eles correspondentes na configuração da consciência. Dessa forma, os afetos somente se tornam conscientes quando acoplados a um elemento representativo ideacional, estando, em caso contrário, cativos à sua instrumentalidade pulsional no plano inconsciente.

Apresentada a visão teórica proposta por Freud acerca do fenômeno das emoções, dispomos de um painel representativo acerca das reflexões e esforços teóricos de entender os afetos humanos que ocuparam o pensamento do fim do século XIX e início do século XX, nascedouro da ciência da biologia. Na seção seguinte, teço algumas considerações acerca da revisão de literatura realizado neste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento contemporâneo, guiado pelas diretrizes da pós-modernidade, tem como uma de suas pautas principais a revalorização das emoções (MOITA LOPES, 2006). Esse movimento, como descrito por Pavlenko (2013), se evidencia tanto a partir da efervescência de novas teorias sobre os afetos quanto por meio de releituras acerca da história da reflexão sobre o fenômeno.



Neste estudo, ambicionou-se iluminar um breve trecho desse percurso histórico de discussões sobre as emoções, abrangendo o período de transição entre o século XIX e XX, momento de alvorada da ciência da psicologia. Nas ideias apresentadas por Darwin, já observamos um esforço de reflexão ancorada em uma terminologia e em métodos dotados de solidez científica, sendo o mesmo esforço perseguido por Wundt, James e Freud. Apesar das diferenças patenteadas ao longo desta revisão, os quatro intelectuais convergem em sua tentativa de cunhar teorias das emoções ancoradas em uma superação do mentalismo oriundo do idealismo alemão e do racionalismo cartesiano, que tendia a reduzir as emoções a meros movimentos corporais.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, D. C. *O inglês à flor da pele: investigando o processo de construção discursiva das experiências emocionais em trajetórias de aprendizagem de língua inglesa* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2018.
- ARAKI, K.; PTASZYNSKI, M.; DYBALA, P.; SHI, W.; RZEPKA, R. Towards context aware emotional intelligence in machines: Computing contextual appropriateness of affective states. (In) KITANO, H. *Proceedings of the 21st international joint conference on artificial intelligence*, 2009. p. 1469–1474.
- BALES, F.; COHEN, S. *Symlog: A system for the multiple level observation of groups*. New York: Free Press, 1979.
- BARBALET, J. William James' Theory of Emotions: Filling in the Picture. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 29(3), 2001. p. 251 – 266.
- BLUMENTHAL, A. L. A reappraisal of Wilhelm Wundt. *American Psychologist*, 30, 1975. p. 1081–1088.
- \_\_\_\_\_. A reappraisal of Wilhelm Wundt. (In): PICKREN, W. E.; DEWSBURY, D. A. (Eds.), *Evolving perspectives on the history of psychology* (p. 65–78). American Psychological Association, 2002.
- CANNON, W.B. "The James-Lange theory of emotions: A critical examination and an alternative theory". *The American Journal of Psychology*. 39 (1/4), 1927. p. 106–124.
- DARWIN, C. *The expression of the emotions in man and animals*. London: Harper Collins; New York: Oxford University Press, 1998[1872].
- EKMAN, P. *Emotions revealed*. New York, NY: Times Books, 2003.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. *ESB*, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos. *ESB*, vol. 5 e 6. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. Instinto e suas vicissitudes. *ESB*, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GREEN, A. *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- HESS, U.; THIBAUT, P. Darwin and emotion expression. *Am Psychol*, 64(2):120-8, 2009.

JAMES, W. *The principles of psychology*. Volumes 1 and 2. New York: Dover, 1950[1890].

\_\_\_\_\_. "What is an Emotion?", *Mind*, 9(2): 188–205. 34.188, 1884.

MARQUES, M. R. *Afeto e sensorialidade no pensamento de B. Espinosa, S. Freud e D. W. Winnicott*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2012.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-43.

PALENCIK, J. T. William James and the psychology of emotions: from 1884 to the present. *Transactions of the Charles S. Peirce Society: A Quarterly Journal in American Philosophy*, 43(4), 2007. p. 769-786.

PAVLENKO, A. The Affective Turn in SLA: From 'Affective Factors' to 'Language Desire' and 'Commodification of Affect'. In: *The Affective Dimension in Second Language Acquisition*. Ed: BIELSKA, J.; GABRYS-BARKER, D.; Salisbury. 2013. pp. 5-61.

RICHARDS, R. J. Darwin on mind, morals and emotions. (In) HODGES, J.; RADICS, G. (eds.), *The Cambridge Companion to Darwin*. Cambridge University Press, 2003.

SCHLOSBERG, H. A scale for the judgment of facial expression. *J. Exp. Psychol.* 29, 497–510, 1941.

*Submetido em novembro de 2021.*

*Aprovado em dezembro de 2021.*

#### **Informações do autor:**

Diego Candido Abreu  
Instituto Federal do Maranhão, Codó (IFMA)  
E-mail: [diegocurciodeabreu@gmail.com](mailto:diegocurciodeabreu@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0591-6918>